

50  
anos



**ORGANIZAÇÃO  
INTERNACIONAL  
DO CAFÉ**

**PJ** 71/14

29 janeiro 2014  
Original: francês

**P**

Comitê de Projetos  
7.ª reunião  
6 março 2014  
Londres, Reino Unido

**Desenvolvimento do setor cafeeiro nos  
Camarões através de uma estrutura de  
cooperação com o Brasil**

**Relatório de missão da delegação camaronesa  
ao Brasil  
15 a 20 de setembro de 2013**

1. O Conselho Internacional do Café, durante sua 108.<sup>a</sup> sessão, realizada em março de 2012, aprovou um Memorando de Entendimento (ME) entre o Governo da República Federativa do Brasil – mais especificamente, a Agência Brasileira de Cooperação (ABC) – e a Organização Internacional do Café (OIC), para promover cooperação técnica triangular nos países produtores de café. Ao abrigo do Memorando, o Governo dos Camarões solicitou a assistência do Brasil e da OIC em apoio de sua estratégia de desenvolvimento de seu setor cafeeiro, com vistas à melhoria do desempenho do setor. Para identificar as áreas precisas da cooperação em apreço, uma missão da delegação camaronesa, assistida por um funcionário da OIC, efetuou uma visita exploratória a diversas instituições e organizações da cadeia produtiva no Brasil, no período de 15 a 20 de setembro de 2013. Integraram a missão os seguintes membros:

- Sr. Sylvestre Messanga Essono, Subdiretor Comercial, Ministério do Comércio (Chefe da Delegação);
- Sr. Omer Maledy, Secretário-Executivo do Conselho Interprofissional do Cacau e do Café (CICC);
- Sr. Valentin Foketchian, Secretário-Geral da SIC CACAOS, Grupo Barry Callebaut, e Vice-Presidente do CICC;
- Sr. Olivier Ngwe, Diretor-Geral Assistente, KeL Export, Membro do CICC; e
- Dr. Denis O. Seudieu, Economista-Chefe, Organização Internacional do Café.

2. Durante a 111.<sup>a</sup> sessão do Conselho Internacional do Café, no período de 9 a 12 de setembro de 2013, em Belo Horizonte, houve uma reunião preparatória da missão com o Embaixador Marcos Pinta Gama, Representante Permanente do Brasil junto às Organizações Internacionais, e o Sr. Marconni Sobreira, Coordenador-Geral de Apoio ao Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé). Um programa detalhado da visita foi preparado durante essa reunião.

3. A missão visitou as regiões de Patrocínio e Guaxupé, no estado de Minas Gerais, que é o maior estado produtor de café do Brasil. Em seguida, a missão visitou a região de Espírito Santo do Pinhal, no estado de São Paulo, onde está sediada a Pinhalense, empresa especializada na fabricação de equipamentos agrícolas. A missão agradece ao Embaixador Pinta Gama, ao Conselho das Associações dos Cafeicultores do Cerrado (CACCCER), à diretoria da Cooperativa dos Cafeicultores do Cerrado (EXPOCACCCER), à diretoria da Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé (COOXUPÉ) e à companhia P&A International Marketing pela assistência e hospitalidade dispensadas aos membros da missão. Agradecimentos especiais são dirigidos ao Sr. Caio César Furtado (Coordenador de Desenvolvimento de Novos Negócios da Federação dos Cafeicultores do Cerrado), ao Sr. Lázaro Ribeiro de Oliveira (Presidente do Conselho de Administração da EXPOCACCCER), ao Sr. Jorge Ribeiro Neto (Diretor de Comunicação e Marketing da COOXUPÉ) e ao Sr. Carlos Alberto Paulino da Costa (Presidente da COOXUPÉ). Agradecimentos também são dirigidos a todos os produtores de café das zonas visitadas, que, a despeito de pesados compromissos, se puseram à disposição da missão com entusiasmo. A missão é grata pela acolhida calorosa que recebeu do Sr. Carlos Brando (Diretor da P&A International Marketing) e sua equipe.

4. O objetivo da missão, relacionado com a primeira fase do Memorando de Entendimento, foi iniciar os contatos pertinentes com participantes do setor cafeeiro brasileiro e explorar as oportunidades para apoio à estratégia de revitalização da cafeicultura dos Camarões e, em particular, as organizações dos produtores de café, os níveis de seus equipamentos, a organização da comercialização e do consumo interno, e a relação entre os participantes do setor e o Estado. A missão também procurou compreender melhor o funcionamento do setor cafeeiro brasileiro, concentrando-se, em específico, nos seguintes pontos:

**A. Serviços de extensão aos produtores**

5. O Estado não intervém diretamente nas operações do setor cafeeiro, mas a relação entre ambos pode ser observada através das atividades do Conselho Nacional do Café (CNC), do Ministério da Agricultura e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Quem garante serviços de extensão e pesquisa aos cafeicultores são a Federação ou as próprias cooperativas. Por outras palavras, as próprias cooperativas e associações são responsáveis pela disponibilização de serviços de extensão a seus membros.

## **B. Financiamento**

6. Como ocorre com todo o setor agrícola do país, os créditos aos produtores são concedidos por bancos comerciais/privados a taxas de juros que vão de 4 a 8% ao ano, conforme o tamanho do produtor. As lavouras dos produtores mais pequenos ou que empregam principalmente mão de obra familiar se beneficiam de taxas de juros de menos de 5%, e às vezes de até menos de 2% ao ano. Apoio financeiro específico é oferecido pelo Governo através do CNC, que administra um fundo de reserva do café posto à disposição de 26 bancos privados. Estes, então, abrem créditos para financiar a produção e a exportação, a taxas de juros de 5,5% ao ano. Os recursos desse fundo disponibilizados pelos bancos financiam atividades de produtores individuais (50%), cooperativas (20%) e indústrias e exportadores (30%). Embora recebam recursos do CNC para financiar a produção, a comercialização e o processamento de café, os bancos respondem inteiramente pelos riscos corridos. É digno de nota que a taxa de reembolso dos empréstimos pelo setor cafeeiro é a mais alta de todos os setores no Brasil.

## **C. Fornecimento de insumos**

7. Para reduzir custos e conseguir boa qualidade, as cooperativas fazem a aquisição em grupo de insumos tais como fertilizantes. O produtor compra mudas de viveiros certificados e apropriados.

## **D. Preços pagos aos produtores**

8. Não há preço garantido aos produtores. As cooperativas recebem o café de seus membros, armazenam o café e comunicam todos os dias os preços pagos em mercados de referência, em particular na bolsa de futuros de Nova Iorque. Os produtores dão ordem de venda a suas cooperativas, aos preços que lhe convêm. As vendas são adiadas quando a tendência que perdura no mercado é baixista, como no momento. O café da safra de 2013/14, que começou no Brasil em julho de 2013, será vendido gradualmente, conforme a evolução do mercado, até que a nova safra comece. Não há preço garantido aos produtores, mas o Governo frequentemente socorre os produtores por intermédio de um programa de vendas subsidiadas por um Prêmio Equalizador de Preço Pago ao Produtor (PEPRO), que assegura um preço mínimo quando a situação do mercado fica difícil. Por esse sistema, o Governo dá aos produtores a possibilidade de lhe vender seu café por um preço mínimo ou de vendê-lo no mercado. Leilões subsidiados pelo Governo disponibilizam uma capacidade total de 3 milhões de sacas, para venda quando as condições do mercado permitem.

## **E. Organização dos cafeicultores**

- ***Produtores da região do Cerrado Mineiro***

9. Nesta região, que cobre 55 municípios, a cafeicultura é muito mecanizada, com grandes fazendas organizadas em empresas. As condições topográficas favorecem uma mecanização intensa, que permite reduzir os custos da mão de obra. O café é produzido em altitudes de 800 a 1.300 metros acima do nível do mar, e a região tem cerca de 4.500 produtores que cultivam café em uma área total de 170.000 hectares. O tamanho médio das propriedades é de 200 hectares/produtor. Alguns produtores têm propriedades de até 3.000 hectares. O rendimento médio por hectare é de 40 sacas de 60 kg (2,4 toneladas). Por exemplo, a Federação dos Cafeicultores do Cerrado (EXPOCACCER), que congrega as cooperativas e associações dos cafeicultores da região, produz uma média de 5 milhões de sacas por ano. A região produz café de alta qualidade e possui denominação de origem geográfica. Integram a Federação nove cooperativas e sete associações de produtores, além de uma fundação. Parte da produção de café do grupo é exportada para mercados de nicho, com rotulagem de certificação. Os armazéns da EXPOCACCER têm capacidade para 420.000 sacas de 60 kg. Quando a produção é muito grande, a EXPOCACCER aluga outros armazéns para o café, à espera do momento de vendê-lo. Além de café para o mercado interno no Brasil, ela fornece a 40 torrefadores e 1.500 quiosques de café na China (Xangai).

10. Convém notar que a maioria dos produtores se transferiu do Paraná para o Cerrado em meados da década de 70, com o intuito de fugir do mau clima que, devido a geadas, causava grandes perdas de safra.

11. Em termos de gestão, a Federação tem um Conselho Administrativo, atualmente presidido pelo Sr. Lázaro Ribeiro de Oliveira. Cada um dos responsáveis pelas nove cooperativas e sete associações faz parte do Conselho. Um Comitê Executivo responde pela parte operacional.

- ***Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé (COOXUPÉ)***

12. A COOXUPÉ é a maior cooperativa de cafeicultores do mundo, agrupando mais de 11.500 associações de pequenos produtores de café nos estados de Minas Gerais e São Paulo. Na verdade, ela reúne cafeicultores pequenos, médios e grandes. A área média das lavouras de café é de 30 hectares/produtor. A produção média de um pequeno produtor é de 500 sacas de 60 kg ao ano (30 toneladas). Fundada em 1932 por 24 produtores, a COOXUPÉ tem hoje representações em várias regiões do país. Nela trabalham 1.903 funcionários, dos quais 417 mulheres e 1.486 homens.

13. As propriedades são pouco mecanizadas, devido principalmente à topografia dos terrenos. Os pequenos produtores utilizam mão de obra familiar (propriedades familiares) e têm custos de produção relativamente baixos. As grandes propriedades usam mecanização nas áreas onde a topografia é favorável, permitindo-lhes controlar seus custos de produção. Nas propriedades de tamanho médio, os custos de produção são relativamente altos.

14. A cooperativa oferece serviços de extensão a seus membros, na forma de seis visitas por ano, em média, a cada produtor. Esses serviços estão a cargo de 160 técnicos. Ela também atua como intermediária entre produtores e estabelecimentos financeiros na obtenção de crédito para equipamento e insumos. Os empréstimos são em espécie, na forma de equipamentos ou insumos, fornecidos diretamente em seus postos de venda. No início, ela havia criado um banco, que fazia empréstimos aos membros, mas que, com o tempo, se tornou um banco comercial aberto ao público, operando nas mesmas condições que os outros bancos comerciais do país.

15. A cooperativa se encarrega da comercialização do café de seus membros. Em média ela comercializa 10 milhões de sacas por ano, das quais cerca de 5 milhões pertencem a seus membros, representando cerca de 6.000 sacas por mês. O café é entregue nos armazéns da cooperativa e guardado em nome do produtor, à espera da venda. Os produtores dão a ordem de venda do café quando consideram os preços internacionais convenientes. Os produtores não se beneficiam de preço garantido. Quando os preços caem significativamente no mercado internacional, os produtores, que arcam com custos de produção elevados, enfrentam dificuldades.

16. A cooperativa tem um centro de análise física e degustação, que recebe amostras de café dos produtores, para análise antes da classificação. Ela realizou um volume de negócios de US\$1,1 bilhão em 2012, com lucros operacionais de US\$17,3 milhões.

17. Também convém notar que cada cooperativa garante a rastreabilidade do café de seus membros, do cafezal até o mercado internacional.

## **F. Indústria de mecanização agrícola e torrefação**

18. A Pinhalense Mecanização Agrícola é a principal indústria de máquinas agrícolas e processadoras do Brasil. Quem comercializa seus produtos no mercado internacional é a P&A Agri-Consulting, que é muito ativa na África oriental, onde ela organiza vendas de maquinaria da Pinhalense para centros de despolpamento de café. A Pinhalense tem representação em Nairóbi, Quênia, a cargo da empresa BrazAFRIC, mas ainda não tem representação na África central e ocidental. A missão visitou a fábrica da Pinhalense, assim como instalações completas em uma fazenda de café.

## **G. Conclusão e recomendações**

19. A missão deu à delegação uma visão geral da organização de atividades relacionadas com a economia cafeeira, da lavoura ao consumo final, incluindo exportações. Entre vários pontos importantes a levar em conta nas reflexões sobre a revitalização da cafeicultura camaronesa sobressaem os seguintes:

- Organização dos produtores em cooperativas;
- Serviços de extensão prestados pelas cooperativas;
- O Estado não intervém diretamente no setor, mas toma medidas para apoiar o setor (taxas de juros relativamente baixas, apoio financeiro às cooperativas para garantir a prestação de serviços de extensão a seus membros, etc.);
- Intervenção do Banco Central para incentivar os bancos comerciais a financiar atividades de produção e comercialização;
- Conceito de cooperativas como unidades econômicas ou agronegócios;
- Créditos para aquisição de maquinaria de processamento quando as propriedades estão em terrenos menos acidentados, para reduzir os custos de mão de obra;
- Rastreabilidade do café produzido por cada membro, através de análises físicas e sensoriais, com degustação de amostras, conduzidas pelo laboratório de controle de qualidade;
- Estocagem do café em armazéns da cooperativa em nome dos produtores, e organização de sua venda progressiva tanto no mercado interno quanto de exportação;
- Existência de relações comerciais entre algumas multinacionais e as cooperativas, num contexto de indicações geográficas;
- Possibilidade de obter acesso a mercados de nicho com grande valor acrescentado.

20. A missão notou que a sustentabilidade da cafeicultura dependerá necessariamente da organização eficaz dos produtores em cooperativas e associações. Através dessas organizações, os produtores poderiam reduzir o número de intermediários e receber as indicações do mercado de forma direta. Além disso, quando possível, a mecanização contribui para a redução dos custos de mão de obra, que, na África, constitui uma das barreiras ao desenvolvimento da cafeicultura.

21. A missão, portanto, recomenda o seguinte:

- a) Uma segunda visita exploratória, mas organizada a nível ministerial (Ministérios do Comércio, Agricultura, Fazenda), bem como de representantes dos produtores, para compreender melhor as realidades de uma cafeicultura sustentável. Deste ângulo,

a visita poderia começar por uma exposição da política cafeeira pelo Departamento do Café do Ministério da Agricultura (Brasília), antes de continuar para constatação *in situ* da organização dos produtores e cooperativas;

- b) Essa visita de alto nível permitiria aos Camarões melhorar sua estratégia de revitalização não só da cafeicultura, como também da cacauicultura;
- c) Explorar a possibilidade de abertura de uma representação regional da Pinhalense Mecanização Agrícola;
- d) Conseguir uma parceria entre torrefadores camaroneses e brasileiros com vistas ao desenvolvimento do consumo interno, que é fator de sustentação do preço aos produtores;
- e) Explorar a possibilidade de obter crédito para equipamentos agrícolas por intermédio da Agência Brasileira de Cooperação (ABC).

22. Finalmente, nos termos estabelecidos no Memorando de Entendimento, poderia organizar-se a visita de uma delegação brasileira aos Camarões durante o primeiro trimestre de 2014, para confirmar as áreas precisas da cooperação com o Brasil.